

A NOVA VISÃO DA ECONOMIA NUM SISTEMA ÚNICO: ECONOMIA ECOLÓGICA

*Elaine Silva**

MERICO, Luiz Fernando Krieger. *Introdução à Economia Ecológica*. Editora da FURB, Blumenau — SC, 1996.

Não existe nada mais difícil de se executar, nem de sucesso mais duvidoso ou mais perigoso, que dar início a uma nova ordem das coisas. Pois o reformador tem como inimigo todos os que ganham com a ordem antiga e conta apenas com defensores tímidos entre aqueles que ganham com a nova ordem. Parte dessa timidez vem do medo dos adversários, que têm a lei a seu favor; e parte vem da incredulidade da humanidade que não tem muita fé em qualquer coisa nova, até que a experimente.
(MAQUIAVEL, *O Príncipe* [1513]).

Luiz Fernando Krieger Merico, autor desse livro, é natural de Brusque-SC, nascido em 1964. Graduiu-se em Geologia pela UFPR (Curitiba), com Mestrado em Análise Ambiental pela UNESP (Rio Claro) e Doutorado em Geografia pela USP (São Paulo). Fez aperfeiçoamento no Schumacher College (Inglaterra) em Economia Ecológica.

* Elaine Silva é aluna do curso de economia da Faculdade São Luís.

É professor e pesquisador do Departamento de Economia e do Instituto de Pesquisas Ambientais da FURB (Blumenau) e do Núcleo de Estudos Ambientais da UNIVALI (Itajaí). Atua ainda como professor do curso de Mestrado em Conservação de Recursos Naturais da UFSC (Florianópolis).

A convite da Fundação do Meio Ambiente de Blumenau, Luiz Fernando Krieger Merico, atua a um ano e meio como “Executivo da área de Meio Ambiente”, intervindo e reorientando o processo econômico da região, na perspectiva de um desenvolvimento sustentável.

Iniciamos lembrando que a economia ecológica surgiu na década de 60, em meio a confusão inconsciente que os capitalistas fizeram com os conceitos de desenvolvimento e de crescimento, generalizando-os como sinônimos, o que não são!

Na obra de Merico encontramos a definição da recente Ciência: *A economia ecológica é uma nova abordagem (...), englobando a problemática do uso de recursos naturais e as externalidades do processo produtivo, com ênfase, porém, no uso sustentável das funções ambientais e na capacidade dos ecossistemas em geral de suportar a carga imposta pelo funcionamento econômico, considerando propriamente custos e benefícios da expansão da atividade humana.* (p. 16)

A princípio, o autor disserta sobre os quatro capitais: capital natural, capital humano, capital social/organizacional e capital manufaturado que contrastam com o modelo econômico de desenvolvimento e crescimento conhecido — terra, trabalho e capital. A redefinição dos conceitos e valores tradicionais, se deram pela própria escassez dos recursos naturais, assim como, pela degradação dos ecossistemas humano e natural, uma realidade!

Merico explora os novos conceitos de forma científica e demonstra que os serviços prestados gratuitamente pela natureza atualmente estão associados aos custos, para serem mantidos de forma sustentável. Isso se deve ao fato das alterações graves provocadas na biosfera (conjunto integrado de fatores vivos e não-vivos que caracterizam um determinado local), pelo desenvolvimento econômico sem princípios e sem critérios.

É fato que a escala econômica e o meio ambiente estão em choque constante, e cada vez mais se agrava, já que os limites da biosfera foram ultrapassados, pois o tempo do desenvolvimento econômico e o tempo de regeneração da natureza, para novamente suprir gratuitamente as

necessidades imposta pelo mercado, são incompatíveis. *Se o subsistema economia ultrapassa a capacidade de sustentação dos ecossistemas, rompem-se os processos de manutenção de vida no planeta.* (p. 30)

A escalada econômica desenfreada levou economistas alternativos (economistas com uma nova visão, que desenvolvem estudos transdisciplinar, aqueles que vão além das concepções tradicionais das disciplinas, buscando integrar e sintetizar perspectivas disciplinares diferentes) e estudiosos dos ecossistemas humano e natural, a realizarem análises mais profundas dos modelos econômicos tradicionais, o que promoveu soluções emergentes ao meio ambiente, como, por exemplo, a internalização dos custos ambientais, valorando de forma adequada, senão apropriada, a natureza e seu trabalho lembrando que qualquer atividade da natureza, na verdade, é de valor incomensurável — *A internalização dos custos ambientais do processo produtivo (...) é uma excelente ferramenta para melhorar a alocação de recursos econômicos (...).* (p. 19)

O processo entrópico (processo de transformação de energia) imposto ao ecossistema natural é o vilão do desequilíbrio dos ecossistemas humano e natural, por ultrapassar os limites e desrespeitar o período de recomposição da natureza, isto em nome do desenvolvimento e crescimento destruindo e extinguindo áreas e a biodiversidade.

É explanado pelo autor que, na realidade, o processo entrópico do desenvolvimento econômico tem sido, ainda, negligenciado pelas análises econômicas tradicionais, apesar da interdependência dos ecossistemas humano e natural, já que as atividades de produção e consumo são intrinsecamente entrópicas. (p. 51)

Tal assunto, a entropia, é desenvolvido e exemplificado por Merico, de forma a nos esclarecer sobre o fluxo econômico e como os indicadores macroeconômicos — Sistema Nacionais de Contas-SNC, Produto Interno Bruto-PIB, Produto Nacional Bruto-PNB, Produto Interno Líquido-PIL, Produto Nacional Líquido-PNL — deveriam contabilizar e alocar os custos ambientais, criando uma solução sustentável, pois os indicadores da economia tradicional são limitados para a problemática atual da sustentabilidade econômica do meio ambiente.

Dentre muitos exemplos que são apresentados no decorrer do livro *Introdução à Economia Ecológica*, citamos: *Se uma floresta é cortada, o valor de mercado da madeira é contabilizado no PIB, mas nenhuma*

contabilidade é feita dos benefícios perdidos pelo desaparecimento da floresta (tal como a absorção de carbono, a proteção do solo, a proteção às nascentes de água, a biodiversidade da fauna e da flora, etc.) e do próprio consumo de capital natural representado pela madeira. (p. 54)

As conseqüências macroeconômicas da manutenção do modelo econômico tradicional, já deixou alguns, senão milhares de lugar no planeta, em processo de irreversibilidade, ou seja, não há condições para a vida humana e a não-humana! *O agregado macroeconômico é, portanto, um subsistema da biosfera, e é totalmente dependente dela, mesmo que os postulados econômicos tradicionais não evidenciem isso. (p. 103)*

Logo, a internalização dos custos ambientais é um passo para uma economia sustentável, porém, tais mecanismos (desenvolvidos pelos economistas alternativos) podem se tornar limitados, dependendo do grau de degradação humana e ambiental. *A importância dos métodos de valoração ambiental decorre, portanto, não só da necessidade de se dimensionarem impactos ambientais, internalizando-os à economia, como também, da necessidade de se evidenciarem custos e benefícios decorrentes da atividade humana. (p. 82)*

Merico, também, nos mostra os estudos realizados no sentido de apontar não apenas as deficiências e limitações dos macroindicadores atuais, como também, as reformas e a criação de indicadores alternativos que vêm solucionar alguns problemas emergentes do meio ambiente, por exemplo: *Índice de Bem-Estar Econômico Sustentável — inicia seus cálculos (...) ajustando-o à distribuição da renda. Ajustes negativos — São feitos para consumo de recursos naturais não renováveis, impactos ambientais de longo prazo (...) custos de poluição da água, do ar e sonora, e ainda, perdas da biodiversidade da fauna e flora, do solo, de áreas de várzea, etc., apenas para exemplificar. (p. 70)*

A mensuração monetária para os recursos naturais e os serviços prestados gratuitamente pela natureza são polêmicos, outros motivos fortes são as particularidades dos ecossistemas que são infinitamente diversas, impossibilitando mensuração adequada para forma de mercado existente.

São relatadas, ainda, as experiências de alguns países que buscam na nova Ciência da Economia Ecológica, um desenvolvimento sustentável ou que cause o menor impacto no meio ambiente, como Alemanha, Inglaterra, Holanda, Canadá, Indonésia, Papua Nova Guiné (para

citar alguns), assim como as aplicações em seus países dos macroindicadores alternativos tão necessários, senão imprescindíveis, para mercado futuro, futuro que é agora, para uma economia sustentável.

O livro *Introdução à Economia Ecológica* aborda o tema da macroeconomia com eqüanimidade. E nova metodologia está detalhadamente explícita, inclusive com quadros, tabelas e figuras que complementam o estudo. Está indicado para estudiosos da área de ciências econômicas, assim como às demais áreas interessadas, pois o assunto está disposto de forma didática e de fácil entendimento, mesmo se tratando da complexidade dos processos entrópicos e dos agregados macroeconômicos.